

OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO FEMININA

THE PATHS OF FEMALE EDUCATION

Antônia Rosa Almeida 

Escola Estadual José Brígido Pereira Pedras Corinto
Corinto, MG, Brasil
antoniariosa545@yahoo.com.br

João Bartolomeu Rodrigues 

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD
Vila Real, Portugal
jbarto@utad.pt

Levi Leonido Fernandes da Silva 

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, UTAD
Vila Real, Portugal
levileon@utad.pt

Elsa Maria Gabriel Morgado 

Universidade Católica Portuguesa, UCP
Lisboa, Portugal
levielsa@utad.pt

Resumo. Durante todo o período da humanidade a história se encarregou de mostrar o progresso de vida em sociedade e, analisando os fundamentos da educação pode-se compreender os avanços e os retrocessos nos segmentos que a sustenta. Deve-se lembrar da importância do significado da educação e a sua contribuição para que as pessoas alcançassem sucesso em suas vidas. Para as mulheres, a educação é um grande exemplo de construção para a cidadania. O empoderamento feminino e todo o seu universo se sobrepõe à história da educação, com infinita propriedade através da consolidação das lutas sociais e da resistência feminina ao que era imposto pela sociedade. A marcha das mulheres fez com que o papel da educação se multiplicasse diante das mais variadas realidades, seja no meio rural como no meio urbano, nos mais diferentes espaços. Sabe-se que a motivação pela busca do saber nas circunstâncias em que viviam as mulheres, no passado, foi determinante para ser o provocador do empoderamento feminino, em função de ser um direito de todos, na jornada de toda a força social, seja na família, na religião, política, na cultura e no trabalho. No que foi proposto pelo advento do papel na vida das mulheres, percebe-se que a força vinculada ao poder, querer aprender se tornaram mais acessíveis às mulheres e este desenvolvimento ao longo da vida marca as vicissitudes que a educação se manifestou na vida de cada indivíduo.

Palavras chave: educação; sociedade; igualdade de gêneros; história.

Abstract. Since man is a man, history has been responsible for showing the progress of life in society and, analyzing the foundations of education, one can understand the advances and setbacks in the segments that support it. One must remember the importance and meaning of education to realize its contribution to people in particular and to humanity in general. For women, education is a great example of building for citizenship. Female empowerment and its entire universe overlaps with the history of education, with infinite property through the consolidation of social struggles and female resistance to what was imposed by society. The march of women made the role of education multiply in the face of more varied realities, whether in the rural environment or in the urban environment, in the most different spaces. It is known that the motivation for the search for knowledge in the circumstances in which women lived in the past was decisive for being the provocateur of women's empowerment, because it is a right for all, in the journey of the whole social force, family, religion, politics, culture and work. In what was proposed by the advent of the role in the life of women, it is perceived that the force linked to power, wanting to learn have become more accessible to women and this development throughout life marks the vicissitudes that education manifested in the life of each individual.

Keywords: education; society; gender equality; history.

INTRODUÇÃO

Protagonizar através da educação revela não somente para as mulheres, mas para todos integrantes em uma sociedade gerenciadora de valores, a igualdade de gêneros e o poder que o conhecimento, o saber impõe à vida de cada pessoa.

Partindo de autores como Filho (1989), Oliveira (1991), Leite e Terrasêca (1993), Morgado (2007) e recorrendo à origem e etimologia do termo “Educação”, concluímos que deriva do latim *Educatione*, ou seja, “acto de criar, formação do espírito, instrução” (OLIVEIRA, 1991, p. 24). Porém, este vocábulo, apresenta dupla origem e liga-se com o verbo *Educare*, (cujo significado é “alimentar”) e *Educere* (significa “conduzir para fora, extrair de dentro, criar, conduzir”).

A história da educação tem revelado uma dialéctica entre estas duas posições: por um lado, os que consideram a educação como sinónimo de “alimentar” e, portanto, enfatizam o produto privilegiando a instrução; por outro os que a consideram sinónimo de “extrair de dentro”, “retirar de”, focalizando o processo de aprendizagem de modo a envolver o próprio sujeito numa atitude de permanente autoformação” (MIALARET *apud* LEITE & TERRASÊCA, 1993, p. 52).

O sociólogo e filósofo da educação Durkheim em relação à educação refere que “é a acção exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda se não encontrem amadurecidas para a vida social. Tem por objectivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de condições físicas, intelectuais e morais que a sociedade política, no seu conjunto, reclama assim como o meio social a que ela particularmente se destina”, educar é pois “ajudar a socializar sem, no entanto alienar e/ou uniformizar” (OLIVEIRA, 1991, p. 24). A educação “pode ser um auxílio fulcral ao serviço do desenvolvimento da pessoa como sujeito de educação compreendido na sua globalidade e também na sua singularidade” (LERBET, 1981 *apud* MORGADO, 2007, p. 31). Inerente a estas definições encontramos portanto uma ideia de mudança (MORGADO, 2007). Ou seja:

sempre fez parte da vida do Homem, implícita e explicitamente de forma constante. Desde os processos primitivos de iniciação dos jovens até à instituição social formal com um sistema educativo por base, o conceito de Educação tem-se vindo a alterar devido às diferentes concepções filosóficas e socioculturais, ou seja, em conformidade com os valores específicos que caracterizam os diversos tempos (MORGADO, 2007, 30),

O papel da educação através do que foi passado de geração a geração, se declara numa estrutura linear os seus avanços e retrocessos, cuja transição em tempos de progresso passa a ser determinante para a consolidação dos direitos de todos. Isto é, “Sendo uma das mais antigas acções do Homem, rejuvenesce, hoje, lentamente. (...), tornando-se numa preocupação nacional e internacional, ou seja, a educação terá sempre que se ajustar aos tempos e aos problemas que dela emergem, quer a partir da própria escola, quer a partir das mudanças políticas e sociais” (MORGADO, 2007, p.30)

A morada da educação no âmago de cada um, frutificou a possibilidade de aprender, uma vez que a própria história se encarregou de conduzir homens e mulheres no papel representativo imposto pela sociedade, cujo conhecimento buscou o que é possível no caminho que as contingências tentaram perfilar para dividir as oportunidades do conhecimento cultural em toda a forma de espaço ocupado pela humanidade. Partindo da premissa que

Ao longo dos tempos, a educação, como processo de interação social e de socialização, manifestou-se, sob as diversas formas, fora dos “muros da escola”. A função de educar para a vida social teve (e terá sempre) o cunho da família, da tribo ou o clã, das igrejas, das profissões e, em geral, de todo meio social que compreende esta realidade (MORGADO, LICURSSI, RODRIGUES, CARDOSO, & SILVA, 2018, p. 416).

Logo, a educação operante na sociedade demarca a realização humana no que diz respeito ao processo de aprendizagem e valorização da cultura. Hegarty (2006, p. 73) refere que a “educação para todos é uma política educacional fundamental a nível nacional e global”. Portanto é notável que o aprender totaliza as relações pessoais para o amadurecimento de cada um e, a prática de se conhecer a cada dia fortalece a ação pedagógica vivenciada na educação, cujas estruturas simbolizam o que se torna significativa quanto ao significado da palavra educação na vida de um povo.

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

Partindo da permissão de Saviani (1991, p. 55) “O estudo das raízes históricas da educação contemporânea nos mostra a estreita relação entre a mesma e a consciência que o homem tem de si mesmo, consciência esta que se modifica de época para época, de lugar para lugar, de acordo com um modelo ideal de homem e de sociedade”. A educação aparece aqui referência do como tratando-se de um processo social. Mas já anteriormente numa das suas citações Nísia Floresta Brasileira Augusta, acreditava que a Educação seria uma ferramenta que poderia elevar a condição desse grupo social, e em muitos dos seus apelos denunciava uma sociedade que legitimava as desigualdades e o preconceito contra as mulheres,

A história, principalmente a de nossa terra, de que bem poucas se ocupam, é um estudo útil e agradável, mais digno de ocupar as suas horas vagas que certos contos de mau gosto, inventados pela superstição ou fanatismo ignorantes para recrear a mocidade sem espírito. Fazei-lhes compreender desde a infância que a mulher não foi criada para ser boneca dos salões, a mitológica-rídica divindade a cujos pés queimam falso incenso os desvirados adeptos do cristianismo. Inspirai-lhes o sentimento de sua própria dignidade e a firme resolução de mantê-la intacta e vantajosamente, por ações dignas da mulher, dignas da cristã, dignas da humanidade (FLORESTA, 1989b, p.164),

Logo autores como Galvão e Lopes (2010, p. 62) num dos seus trabalhos fazem referência ao papel da mulher na sociedade, esta em tempos era considerada e vista como:

herdeira de pecados da carne e da cobiça, monstro portador de suores úmidos, um ser capaz de loucuras e atrocidades quando não regulado (no sentido biológico e social). Por isso, ela deveria ser vigiada de perto; sua sexualidade, seus anseios e seus desejos deveriam ser convertidos a uma só meta: a maternidade. A maternidade, destino biológico do ser mulher, passa a ser domínio das culturas que ditam as regras sob as quais deve ser exercida, pelas próprias mulheres, mas também pelos homens e instituições).

Compreender a concepção da educação feminina é também convergir em matérias de matriz histórico-conceptuais agregadas à luta e / ou reivindicação por condições socialmente mais benéficas, amplas e abrangentes.

Percebe-se que através da filosofia de vida todo o individuo se permite pensar nas suas escolhas, seja nas decisões pessoais, políticas, culturais, sociais e religiosas, portanto ao longo do caminho, em que se baseia a história das mulheres é estritamente fundamental observar o papel que a educação tornou-se como referência na mudança de comportamento das mulheres, em relação aos seus questionamentos diante da vida e no fazer social da sociedade no século XIX, tendo em vista o alvorecer do século XX, o que na verdade possibilitava às mulheres daquela época o se conhecer individualmente, buscando um olhar diferente para a desconstrução dos valores sociais da sociedade patriarcal, em meio ao avanço da ciência e das pesquisas era a busca da profissionalização através da educação.

Se o sentido social da educação faz pensar no indivíduo vivendo em sociedade e usufruindo de todos os seus direitos, a mesma não poderia ser negada a nenhum cidadão. Portanto, verificar essa função social da educação, é verificar também, o ser humano em seu cotidiano, integrando-se no mundo atual e interdependente. A basilaridade está no conhecimento dos valores de cada ser humano, respeitando suas crenças, costumes, comportamentos, independente de raça, etnia ou credo. Para combater as desigualdades é necessário a formação de novos comportamentos, espírito democrático e superação de preconceitos (ALMEIDA, MORGADO, SILVA, & RODRIGUES, 2018, p. 452)

Neste sentido, é evidente calcular o grau de sensibilidade atribuída ao indivíduo no que diz respeito à condição de ser racional operante às práticas de seu cotidiano e, no que é mais importante e valioso ao ser humano o pensamento a respeito de tudo que circula em sua vida.

Com efeito, segundo Guacira Lopes Louro, em seu artigo, na coletânea de Mary Del Priore, *Histórias das mulheres no Brasil, 2004*, surgia em meados do século XIX, o *Opúsculo humanitário*, de Nísia Floresta, denunciando as condições em que viviam as mulheres no Brasil, reivindicando a sua emancipação, através da educação.

Sendo assim, em decorrência das inúmeras indagações femininas em relação as suas condições de vida, pode-se observar através de Nísia Floresta a aplicabilidade do olhar diferente para a transformação feminina no Brasil, no século XIX, visando a chegada do novo século com maior participação das mulheres na vida ativa, através do trabalho e toda a forma de expressão de ordem social, enquanto ser pensante descentralizando o status quo da sociedade brasileira. Guacira ainda esclarece que, mesmo depois da proclamação da Independência brasileira ainda havia homens e grupos sociais com posições estratégicas nos jogos de poder da sociedade e que o discurso quanto ao papel significativo da educação para elevar a qualidade de vida do país seria bastante significativo, tendo em vista o grande número de analfabetos em todo o Brasil, prestes à chegada do século XX.

Portanto, viabilizar o conhecimento para todos sem distinção nas relações de gênero, para ampliação do espaço ocupado por homens e mulheres, partiu primeiramente através das lutas sociais travadas pelas revolucionárias do século XIX, cujo objetivo era a inserção da mulher na sociedade através da educação, cujos nomes se destacam em Almeida, 2007, Nísia Floresta, Ana Justina Ferreira Néri, Maria Quitéria de Jesus, Maria Amélia de Queiroz, Maria Firmina dos Reis, Júlia Lopes de Almeida, Maria Augusta Generosa Estrella, Ana Aurora do Amaral Lisboa, Josephina Álvares de Azevedo, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, entre outras ilustres mulheres, que lutaram para o crescimento intelectual e participativo do sexo feminino.

E, nesta relação ação participativa e educação, a estrutura de cada passo das mulheres revolucionárias ganhou uma reflexão rigorosa para conter o analfabetismo não só na base feminina, mas também aos agregados e crianças que viviam em comunidades rurais.

Guacira revela em seu artigo que, a partir de 1827 houve uma demanda muito grande para o combate ao analfabetismo. No entanto o número de escolas construídas para atender a população se dividia entre escolas fundadas por congregações e ordens religiosas femininas ou masculinas, escolas mantidas por leigos, com professores para meninos e professoras para meninas e a grade curricular diferenciada, apresentando os pilares: Ler, escrever, contar, as quatro operações e a doutrina cristã para ambos os sexos, porém noções de geometria apenas para meninos e no lugar de geometria para as meninas, bordado e costura. Como então definir o posicionamento da sociedade do século XIX, em relação a educação feminina?

EDUCAÇÃO E IGUALDADE DE GÊNERO

Cabe salientar primeiramente, que a educação é um direito de todos e que, o posicionamento da sociedade do século XIX, gerou uma questão filosófica, na procura do saber constituído em igual proporção para todos. Além disso, a educação está contida na necessidade de cada indivíduo para se tornar um ser social. Por isso, as lutas travadas pelas revolucionárias do século XIX, demonstraram que o conhecimento em seus princípios educacionais angariaram a liberdade e o empoderamento feminino numa reflexão profícua, servindo para advertir a sociedade daquele período e sobretudo nos dias atuais, que se aglutinam na base da convivência e no significado do aprender aprendendo. Ana Osório (1905, p. 124), sobre esta temática salienta que “Porque ser feminista não é querer as mulheres umas insexuais, umas masculinas de caricatura, como alguns cuidam; mas sim desejá-las criaturas de inteligência e de razão, educadas útil e praticamente de modo a verem-se ao abrigo de qualquer dependência, sempre amarfanhante para a dignidade humana”.

Gênero é, segundo Scott (1995), uma forma primária de atribuir significação às relações de poder e é empregado para designar as relações sociais entre os sexos, podendo ser considerado “uma maneira de indicar ‘construções ociais’ – a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre o corpo “sexuado” (SCOTT, 1995, pp. 71-99). Por sua vez, Tedeschi (2012) entende a compreensão de gênero como uma construção que assenta essencialmente, entre outros, em aspetos sociais, culturais, económicos e políticos. Assegura que o gênero em termos conceptuais auxilia a sociedade a construir representações e significados sobre o que é (ou pode ser) ser homem ou mulher, tendo como base as características físicas observadas mesmo que, em geral saibamos, que a perspectiva e ângulo de análise desta matéria tem evoluído tornando-se, no caso concreto, o gênero como simples referência para a construção social das diferenças entre homens e mulheres, não invalidando as diferenças biológicas em que ambos os sexos diferem naturalmente (NADER & RANGEL, 2014).

Neste campo a investigação têm-se redobrado em esforços e os resultados tendem a garantir dados significativos para a discussão e análise sociológica e histórico-conceptual. São investigações historiográficas como “História das Mulheres e das Relações de Gênero”, a par dos movimentos sociais e aos movimentos feministas que trazem à liça estas temáticas e desafios societais vigentes, tal como refere (SOIHET & PEDRO, 2007). São décadas e séculos de lutas e vivências num quadro de sobrevivência das mulheres que consubstanciam a atualidade e premência da análise e reflexão do tema. Todo um quadro de transformação e de lutas constantes, com enfoque na década de 1960, levam à explosão do feminismo e que colocam na ordem do dia a rejeição de um historial e condição de objeto e sujeito da história, reivindicando a necessidade mais que emergente do (re)escrever a história das mulheres. De referir que esta necessidade e ação de assumir a educação feminina como bandeira de quem cabalmente defendia os direitos da mulher existia, de forma reiterada, desde o século XIX, essencialmente no espectro luso-brasileiro, onde se defendia a elevação da instrução da mulher, por forma a tornarem-se de facto mais autónomas, progressivamente mais seguras dos seus direito e, inclusive, poderem assumir-se, globalmente melhores mães. Defendiam também que uma formação mais sólida munia a mulher de mais ferramentas e estratégias de defesa, em caso de necessidade e, de forma consciente, assumir de forma mais sustentada um conceito mais elevado e culto, o que, em determinados meios e estratos sociais, fazia com que, inclusivamente, alguns homens desejassem mulheres mais cultas e reforçadas nas suas capacidades de intervenção familiar, social e cultural.

A base sólida em termos formativos e culturais assume-se com um aspeto decisivo no que concerne à interpretação dos desafios da sociedade, da sua compreensão e da eventual resolução dos problemas deles decorrentes. Facto que engloba as questões de gênero e questões associadas a uma formação / educação feminina ou, pelo menos, questões e desafios que analisem e discutam caminhos e trilhos a seguir no universo da interpretação e da sensibilização geral da sociedade perante as questões de gênero, enquanto matéria de imperativa reflexão.

Os estudos culturais têm como um dos princípios fundamentais reconstituir a tradição de um povo, com questionamentos capazes de compreender fatores sociais. A fim de que os fluxos comportamentais se revigorem e possam contribuir com o desenvolvimento planetário, a cada passo da história, as relações de gênero buscam articular a dialética do texto e o mistério que a ele se prende. A partir de 1970, consolidou-se o termo gênero para definir a caminhada literária, estabelecer a diferença sexual, analisar as experiências masculinas e femininas no contexto histórico social e econômico de uma nação. As representações das mulheres no mundo literário ocorrem a partir de suas lutas sociais, tendo em vista as relações de poder. Saindo do seu espaço doméstico, as mulheres começaram a se organizar, criando os movimentos feministas para divulgação de suas idéias como direito ao voto, à educação, ao trabalho remunerado e também às questões abolicionistas, enfim, a defesa da classe dos menos favorecidos (ALMEIDA, MORGADO, SILVA, & RODRIGUES, 2018, p. 451)

Mais do que uma necessidade, a educação buscada pelas mulheres demonstra ser uma nova alternativa diante da vida e, no que a própria educação se propõe, não somente para o empoderamento feminino, mas também ao alcance de todas as camadas sociais.

Então, se a educação se concentra num processo social em que tudo se reconhece nas ações e intervenções do indivíduo na polis, é necessário também buscar o que cada um representa enquanto ser social. Logo se o discurso da educação também fomenta as condições do ser humano em seu meio, é importante que a sociedade também se responsabilize neste propósito de evidenciar a educação numa ótica maior em que envolva o indivíduo e a sua participação na sociedade (ALMEIDA, MORGADO, SILVA, & RODRIGUES, 2018, p. 452)

Quanto às lutas sociais das mulheres, a favor da educação, vale salientar que a educação não é algo acabado, ela está inserida no cotidiano de todo indivíduo e se estabelece num formato de uma reflexão crítica diante do progresso evolutivo da humanidade. Nesta simbologia que a educação é um direito de todos é viável apresentar que todo o caminho percorrido pelas mulheres, para garantir a mesma no entorno vivido por elas, aproximou muito mais as pessoas, ampliando mais e mais as discussões diante da dificuldade de existência, sobrevivência, angústia e sofrimento de uma minoria, que clamava pelos direitos inerentes de cada um e permanente ao longo da história em meio às reflexões a respeito do contexto de vida da sociedade em todos os sentidos.

Almeida (2017, p. 28) evidencia Laura Fonseca em “injustiça tem significado exclusão de grupos e pessoas, por processo de opressão e dominação”, que neste sentido reforça mais esta aproximação entre as pessoas para a aplicabilidade do sentido da educação, que orienta, conduz, assegura o conhecimento e propicia o direito de cidadania. Gadotti (2006, p. 19) diz-nos que “não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas o seu ser social é que determina a sua consciência”.

Os caminhos da educação feminina operam de forma acentuada no mundo inteiro, permitindo o desenvolvimento do pensamento humano alicerçado nas reflexões do senso comum e igualitário para todos. Na solidificação do contexto educativo, percebe-se que as lutas sociais das mulheres revolucionárias, no período do século XIX, estabeleceram uma ligação simultânea na socialização do indivíduo e na capacidade de cada um reinventar-se a cada dia. No que se propõe diante das experiências individuais para o processo de inserção na sociedade no caráter educativo há um resultado significativo das ações participativas da tendência evolutiva da humanidade para a procura do conhecimento e na possibilidade de se modificar como pessoa em se tornar um ser mais capaz e produtivo diante do progresso da nação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fluentemente as questões humanitárias também se organizam através da educação e se constituem nas manifestações culturais entre as minorias. É de se observar que, os caminhos da educação feminina percorreram através do discurso da qualificação profissional almejando o reconhecimento de sua própria existência e estabilidade na vida, em conformidade com a interação social de cada indivíduo, construída também diante das questões humanitárias, que de certa forma se distribuem quando se relacionam com as lutas pelos direitos. Dessa forma, o que se reflete no contexto da educação feminina, agrega valores para o bem comum em prol da dignidade e cidadania do ser humano. No parecer descritivo do papel da educação

na vida das mulheres, ao longo da história está a importância do processo de socialização das pessoas e o que cada um possa oferecer de produtivo e eficaz através do seu trabalho, para sanar as diferenças sociais e combater a desigualdade operante na sociedade. O interessante é que o caminho da educação feminina se faz a cada dia, praticamente igual, desde o século XIX, produzindo o resultado das diferenças e apresentando os desafios que ainda tem que se desvencilhar a cada dia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R., MORGADO, E. M. G., SILVA, L. L. F., & RODRIGUES, J. B. (2018). A Igualdade de Género na obra cívica e literária da Pedagoga Francisca Senhorinha. In M. ALCÁNTARA, M. G. MONTEIRO, & F. S. LÓPEZ (Coords.), *Estudios de Género – Memoria del 56º Congreso Internacional de Americanistas* (pp. 450-456). Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. doi: [10.14201/oAQo251-9](https://doi.org/10.14201/oAQo251-9)
- ALMEIDA, R. A. (2007). *A Representação da Mulher em “A Judia Rachel”: Um Romance do século XIX*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Vale do Rio Verde, UNINCOR.
- ALMEIDA, R. A. (2017). *Educação e História: As Representações do século XIX em Francisca Senborinha*. (Tese de Doutoramento em Ciências da Educação). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- BEAUVOIR, S. (1970). *Moral da ambiguidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CHÂTELET, F. (1981). *História da filosofia: ideias, doutrinas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- COMTE-SPONVILLE, A. (2003). *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins Fontes.
- FILHO, G. S. (1989). *Apontamentos de introdução à educação ambiental*. INAMB. Lisboa: Instituto Nacional do Ambiente.
- FLORESTA, N. (1989b). *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Cortez.
- GADOTTI, M. (2006). *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. (15ª ed). São Paulo: Cortez.
- GALVÃO, A. M. O., & LOPES, E. M. T. (2010). *Território Plural: a pesquisa em história da educação*. (1ª ed.). São Paulo: Ática.
- GRAMSCI, A. (1987). *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes.
- HAHNER, J. E. (1970). *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850–1937*. São Paulo: Brasiliense.
- HEGARTY, S. (2006). Inclusão e educação para todos: Parceiros necessários. In D. RODRIGUES (Ed.), *Educação inclusiva: Estamos a fazer progressos?* (pp.67-73). Lisboa: FMH.
- LEITE, C., & TERRASÊCA, M. (1993). *Ser Professor/ a num contexto de reforma – Animador, educador e investigador*. Cadernos Pedagógicos, Edições Asa.
- LERBET, G. (1981). *Système – alternance et formation d’adultes*. Maurecourt: Mésonance.
- MORGADO, E. M. G. (2007). *A Educação Ambiental nos manuais escolares: um estudo com manuais do 8º ano de escolaridade*. (Tese de Mestrado em Biologia e Geologia para o ensino). Universidade de Trás-os- Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- MORGADO, E. M. G., LICURSSI, B., RODRIGUES, J., CARDOSO, M. & SILVA, L. L. F. (2018). Evolução Histórica e conceptual da Educação Especial: um olhar centrado no quadro normativo em Portugal. *Br. J. Ed., Tech. Soc.*, 11(3), 416-426. doi: [10.14571/brajets.v11.n3](https://doi.org/10.14571/brajets.v11.n3)
- NADER, M. B., & RANGEL, L. A. S. (2014). *Mulher e género em debate: representações, poder e ideologia*. Vitória: EDUFES.
- OLIVEIRA, M. T. M. (1991). Falando de didáctica da Biologia. In M. T. M. OLIVEIRA, (Coord.), *Didáctica da Biologia* (pp.24-26). Lisboa: Universidade Aberta.
- OSÓRIO, A. C. (1905). *As Mulheres Portuguesas*. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso.
- PERROT, M. (2001). A História das Mulheres. Cultura e Poder das Mulheres: ensaio de historiografia. *Revista Género*, 2(1), 7-30.
- PRIORE, M. (2004). *História das mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto.
- SAVIANI, D. (1991). *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. (10ª ed.). São Paulo: Cortez: Autores Associados.
- SCOTT, J. (1995). Género: uma categoria de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.
- SOIHET, R., & PEDRO, J. M. (2007). A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Género. *Revista Brasileira de História*, 27(54), 281-300.
- TEDESCHI, L. A. (2012). *As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica*. Dourados, MS: Ed. UFGD.